

JUVENTUDE, SAÚDE MENTAL E O USO DE INTERNET: UMA ABORDAGEM SOCIAL E HISTÓRICA¹

Antônio Silvério da Rocha Neto²
Daniela Cristina Belchior Mota³

RESUMO:

Este artigo teve como finalidade refletir sobre como a saúde mental dos jovens está sendo afetada mediante o uso de internet no Brasil. A partir de uma abordagem social e histórica sobre o desenvolvimento juvenil, pretendeu-se refletir criticamente sobre os conceitos do uso intensivo, campo marcado por considerável dissenso quanto às terminologias adotadas, que pode negligenciar os principais processos psicológicos envolvidos, justificando a necessidade de uma investigação mais ampla. A partir dos estudos acerca das implicações do consumismo diante da modernidade líquida vivenciada hoje, provocada pela continuidade temporal e acúmulo de informações, elenca-se o neoliberalismo como um dos principais mecanismos de subjetivação presentes na internet, interferindo na vida dos jovens como um todo, com sua hiperconexão e hiperexposição, que resultam na fragilização de resiliência, anseio por uma imagem corporal composta por ideais mercadológicos, evidente individualismo exacerbado motivado por ideais consumistas e governamentalidade empresarial, resultando no desinteresse por causas coletivas, gerando riscos ao futuro cívico democrático.

Palavras-chave: Juventude. Neoliberalismo. Uso de internet. Saúde Mental.

YOUTH, MENTAL HEALTH AND THE USE OF THE INTERNET: A SOCIAL AND HISTORICAL APPROACH

ABSTRACT:

This article aimed to reflect on how the mental health of young people is being affected by the use of the internet in Brazil. From a social and historical approach on youth development, the intention was to critically reflect on the concepts of intensive use, a field marked by considerable disagreement regarding the adopted terminologies, which may neglect the main psychological processes involved, justifying the need for a wider investigation. From studies on the implications of consumerism in the face of liquid modernity experienced today, caused by temporal continuity and accumulation of information, neoliberalism is listed as one of the main mechanisms of subjectivation present on the internet, interfering in the lives of young people as a whole, with its hyperconnection and hyperexposure, which result in the weakening of resilience, yearning for a body image composed of market ideals,

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e saúde. Recebido em 22/10/2021 e aprovado, após reformulações, em 22/11/2021.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: antonio.srochaneto@gmail.com.

³ Docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA) e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: danielabelchior.mota@gmail.com.

evident exacerbated individualism motivated by consumer ideals and business governmentality, resulting in disinterest in collective causes, generating risks to the democratic civic future.

Keywords: Youth. Neoliberalism. Internet Use. Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

A juventude passa a ser reconhecida como uma fase crucial para o desenvolvimento humano em meados de 1890 (ARIÈS, 1978). Porém, foi no século XX que a juventude se configurou como um tema de interesse no meio acadêmico da psicologia, diante inúmeros avanços teóricos na ciência em geral, fomentados pela aplicação de modelos sistêmicos para uma melhor compreensão de fenômenos do desenvolvimento humano. Pesquisas na área do desenvolvimento da juventude passaram a estabelecer relações específicas perante aspectos do indivíduo, de seus contextos de desenvolvimento, identificando desafios e potencialidades de desenvolvimento das competências desses jovens (LERNER; STEINBERG, 2004). Diante disso, a juventude consolida-se como um momento decisivo do curso de evolução da vida do ser humano e passa a ser relacionada com mudança e plasticidade, assim como para a diversidade social e cultural vivenciadas no período.

Nas últimas décadas ocorreram fortes transformações em todo o globo, marcadas pelos avanços tecnológicos recentes, o que tem despertado preocupações e questionamentos para as sociedades ocidentais e as famílias contemporâneas, tais como as tentativas de compreensão das influências mútuas sobre fatores individuais e forças contextuais no percurso do desenvolvimento individual e vice versa, ou como proporcionar relações benéficas entre o indivíduo e o contexto inserido, que se somam benéficas à saúde do jovem, de sua família e de sua nação (BROWN, 2005; LERNER et al., 2009).

Sob a perspectiva do desenvolvimento positivo do jovem, busca-se sair de uma visão negativa e deficitária que regeu os campos da ciência do desenvolvimento, da psicologia, da sociologia e da educação no século XX. Essa nova ótica se dá em razão da compreensão da plasticidade e da importância das relações entre indivíduos e contextos ecológicos, como também das formas de intervir feitas por comunidades através de programas guiados aos jovens com

comportamento de risco (LERNER et al., 2009).

Preconizada pelo entendimento de cientistas, terapeutas e educadores, a visão positiva se pauta sob o entendimento de que os jovens são fontes de recursos e forças internas a serem desenvolvidos, como as famílias, escolas e comunidades podem propiciar uma construção de vida saudável para eles (BENSON, 2003). Sendo assim, além de recursos e de mudanças convenientes aos jovens, é preciso identificar os possíveis recursos de suas famílias, comunidades e instituições, com o propósito de consolidar vínculos. Esses vínculos consistem em um compromisso mútuo, em que o jovem pode exercer um papel proativo no seu desenvolvimento, cooperando com sua família e comunidade, da mesma forma que a sociedade deve prestar suporte ao desenvolvimento de seus cidadãos (LERNER; WERTLIEB; JACOBS, 2005).

A popularização da internet e do advento frenético de novas mídias sociais e tecnológicas promove novas formas de interação e organização social, além de transformações culturais, educacionais, atividades econômicas e políticas. Em 2021, a internet chega a 82% dos domicílios, ou seja, três a cada quatro brasileiros a acessam, o que equivale a 134 milhões de pessoas (VALENTE, 2020). Atualmente, smartphones, tablets e outros dispositivos permitem o acesso à internet a qualquer hora e local, favorecendo o aumento da frequência de uso cada vez mais comum das redes sociais, não se limitando à classe social, gênero ou faixa etária.

Dessa forma, torna-se importante refletir sobre como a saúde mental dos jovens contemporâneos pode estar sendo afetada diante do uso massivo e constante de ferramentas digitais, local abundante de mecanismos de subjetivação neoliberais que podem influenciar o modo de viver desses jovens, acarretando em novos desafios. O neoliberalismo como sistema normativo é relativamente recente, que ganha força a partir dos anos 70 até os dias atuais. O que vem sendo constatado desde então, é que de modo geral existe um mal-estar contemporâneo que afeta os jovens e muitas vezes é discutido de forma patologizante, ou seja, discute-se pouco os efeitos desse sistema neoliberal na juventude. Destacam-se também as transformações das relações sociais mediadas pela internet na atualidade, que acaba sendo um instrumento do neoliberalismo, afetando a população em geral, mas, evidentemente, afeta particularmente os jovens.

Diante da lacuna de reflexão crítica sobre o tema, o presente artigo visa [CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 338-359, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

analisar de que modo a internet pode afetar a saúde mental dos jovens a partir de uma abordagem social e histórica. Utilizaram-se análises de literatura a partir de exame crítico, dialogando com autores, como Bauman, Dardot, Laval, Flanzer e Alberto Acosta e estudos sobre o uso excessivo de internet. Para a busca teórica e metodológica, expressões e conceitos disparadores foram utilizados para fins de acesso a materiais que consolidassem as discussões provocadas de acordo com o objetivo do artigo, sendo: neoliberalismo, mídias sociais, juventude e uso de internet.

2 A POPULARIZAÇÃO DA INTERNET NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Há uma dificuldade muito grande em categorizar ou homogeneizar a juventude. Pais (2003) pontua não haver um conceito único que abarque a diversidade de significados que estão associados a ela, pois se nota com o decorrer do tempo que jovens são sujeitos que constroem, participam e ressignificam sua condição. Nesse aspecto, para uma melhor concepção de juventude, deve ser levado em consideração o contexto que cada sujeito vivência, como o gênero, a condição geracional, social e cultural que estabelecem com a sociedade, à partir de suas experiências cotidianas, seus agires e práticas.

Notam-se muitas transformações acarretadas pela relação de tempo e espaço entre países, regiões, espaços urbanos e rurais, classes sociais, culturais, gênero e etnia. Tais transformações contribuíram para os desafios contemporâneos voltados para as atuações dos jovens, considerando que, nas gerações passadas, a tecnologia não era fortemente vinculada ao cotidiano como hoje. Dessa forma, a juventude passa a ser entendida com uma série de significados, práticas e atitudes, não somente a uma faixa etária (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2014).

Um dos desafios supracitados se remetem à popularização da internet entre os jovens, que passaram a utilizá-la a partir do acesso às redes sociais para diversas atividades, como trabalhos acadêmicos, socialização e lazer (CASTAÑO-MUÑOZ; SENGES, 2011). Devido a tantas possibilidades online, uma maior liberdade de comunicação e formas alternativas de se expressar, os jovens atribuem à internet uma espécie de melhora na forma de interagir com os amigos. Há, ainda, aqueles que se apropriam da internet como uma forma de livrar-se de suas dificuldades sociais, como timidez, conflitos emocionais e outros fatores existentes

em toda e qualquer relação (SPIZZIRRI et al., 2012).

Passarelli et al. (2009) ressaltam que a familiaridade de uma geração de jovens que cresceu juntamente com o ambiente virtual resultou no grande número de usuários que hoje a internet ostenta. Além disso, nota-se a atratividade das redes sociais para os jovens, uma vez que esses utilizam diversos dispositivos, como jogos, chats e divulgação de fotos e vídeos para a sociabilização nas redes. O sociólogo canadense Tapscott (1998) nomeia essa interação dos jovens com as redes sociais como Net Generation, Geração Y e Geração Digital, entre outras nomeações que caracterizam uma geração que está sempre conectada a alguma ou múltiplas mídias.

Com o aumento crescente da interação dos jovens com as redes sociais, percebe-se que esses passam a desaprender artimanhas e traquejos do convívio social, assim dispensando ou deixando de adquirir a resiliência necessária que passa pela experiência árdua, mas imprescindível, da relação com o outro. Vale ressaltar que, apesar de muitas vezes isolado, esse jovem não está só, o que não necessariamente significa algo bom. Essa permanente e excessiva companhia acaba prorrogando a frustração que se faz imprescindível para o seu processo de desenvolvimento (FLANZER, 2020).

No entanto, encontra-se diferença quanto à sua forma de utilização, comportamentos e tipos de uso, que variam de acordo com fatores socioeconômicos, emocionais, culturais e outros. Diante disso, considera-se importante discorrer sobre os estudos do uso descontrolado da internet e de que forma as variações culturais da sociedade se interligam a ela.

2.1 O USO DESCONTROLADO DA INTERNET: UM COTIDIANO DE EXCESSOS

É inegável que a internet tenha uma utilidade gigantesca no mundo contemporâneo e globalizado, porém, em meio a tantos benefícios que viabilizam a vida cotidiana, em determinadas situações, esse recurso tem potencial para se tornar um objetivo prioritário de prazer que, associado a circunstâncias como vulnerabilidade psicológica e estressores, podem acarretar o uso descontrolado (ODACI; KALKAN, 2010).

Diversos estudos constataram impactos negativos na qualidade de vida dos jovens decorrentes do uso intensivo da internet tanto para saúde física, emocional, quanto mental, sendo considerado um problema de saúde pública em países em desenvolvimento. Estudantes universitários em uso intensivo da internet apresentam riscos psicossociais, como isolamento social e solidão (FORTSON et al., 2007).

Constatando a relevância do tema nas duas últimas décadas, surgem numerosos estudos que trazem termos em uso na tentativa de compreender a situação. Um termo de muito destaque seria o termo adicção à internet, que propõe uma visão ao uso excessivo à internet puramente como adicção psicológica (KUSS; GRIFFITHS, 2017). Isso significa que o indivíduo gasta uma quantidade de tempo e energia consideráveis em atividades on-line não essenciais, gerando afastamento de seus objetivos pessoais, distanciamento de suas relações fora do ambiente on-line e redução de rendimento acadêmico e laboral. Importante ressaltar que essa avaliação só pode se dar em uma perspectiva subjetiva, na qual o próprio usuário relata perceber danos à sua vida em razão da forma como utiliza a internet (PATRÃO et al., 2017).

Um ponto significativo sobre a discussão do termo adicção à internet é que, ao contrário das dependências, a internet oferece diversos benefícios, dessa forma, não deve ser vista como algo a ser criticado como viciante, pois essa proporciona uma comunicação rápida e eficiente, caráter interativo e apoio a aprendizagem (SPIZZIRRI et al., 2012). Além disso, a internet também é um meio importante para aumentar a satisfação com a vida entre cidadãos e grupos sociais de menor nível econômico e pessoas que sofrem de problemas de saúde que interferem no funcionamento diário (LISSITSA; CHACHASHVILI-BOLOTIN, 2016). Nesse ponto, faz-se necessário ressaltar a importância da internet como forma de inclusão social, indubitavelmente o acesso e compreensão da ferramenta possibilita minimizar as mazelas sociais vivenciadas atualmente pela exclusão social.

Diante do propósito de amenizar ou até mesmo erradicar a exclusão social, torna-se fundamental a integração social, que é entendida como um processo que promove o acesso às oportunidades da sociedade a quem encontrava-se excluído, permitindo a retomada da relação participativa entre um indivíduo ou família a sociedade a que pertencem, transferindo-lhe algo particular e distinto, que a engrandeça mantendo a sua individualidade e especificidade que os diferenciem de

outros indivíduos que compõem a sociedade. Esse processo associa duas lógicas: o acesso às oportunidades da sociedade pelo indivíduo, que possui a escolha de utilização ou não desses meios, visto que o processo de inclusão social viabiliza aumentar as possibilidades de escolha do mesmo e também da sociedade, que se organiza promovendo formas de expandir suas possibilidades a todos, reforçando-as e tornando equitativas (AMARO, 2004).

O termo exclusão digital sintetiza todo o contexto que impossibilita a maior parte das pessoas de usufruírem dos benefícios das novas tecnologias. Diante da descrição das dimensões da exclusão social, percebe-se que a exclusão digital se concentra como reflexo desse revés, portanto, a exclusão socioeconômica fomenta a exclusão digital, ao mesmo modo que a exclusão digital estimula a exclusão socioeconômica. A exclusão social acentua a desigualdade tecnológica e dificulta o acesso ao conhecimento, ampliando ainda mais o abismo entre ricos e pobres. Dessa forma, a inclusão digital deve estar no centro de políticas públicas que viabilizem a inclusão e equiparação de oportunidades a todos os cidadãos (ALMEIDA; PAULA, 2005).

Diante desses e demais questionamentos sobre a pertinência do termo adicção à internet, constata-se que a expressão deve ser abandonada (PONTES; CAPLAN; GRIFFITHS, 2016). Atualmente, existe uma tendência sobre patologizar o que respeita aos comportamentos aditivos, que poderá levar a uma avaliação duvidosa da pesquisa acerca da dependência comportamental e a negligenciar os principais processos psicológicos. Surge, com isso, a necessidade de uma investigação mais ampla e passar de uma abordagem baseada em critérios para uma focada nos processos psicológicos em questão, como motivacionais, afetivos, cognitivos, interpessoais e sociais (BILLIEUX et al., 2015).

Outro termo bastante utilizado dentro da esfera acadêmica seria o Uso Problemático da Internet (UPI), que se destaca por definir o que o uso da internet pode provocar, como dificuldades psicológicas, acadêmicas e/ou profissionais. A locução problemático soa mais adequada, por apresentar menos discordâncias teóricas do que terminológicas. Shapira et al. (2003) definem o UPI como uma preocupação mal adaptativa com o uso da internet, que causa sofrimento significativo e/ou prejuízo das atividades rotineiras. Alguns autores compreendem o UPI como uma forma de busca de reafirmação e/ou um comportamento de

evitamento que tem seu propósito em reduzir emoções negativas (WAN; CHIOU, 2006).

Segundo Twenge, Martin e Campbell (2018), adolescentes que passaram mais tempo em tela e envolvidos em comunicação eletrônica (incluindo o uso da Internet) tiveram menor bem-estar psicológico e o inverso também parecia ser o caso (maior felicidade com menor uso). Evidentemente, não devemos condenar os avanços tecnológicos obtidos nos últimos anos, como também não é possível praticar um saudosismo em relação a todas as mudanças trazidas com a tecnologia. Ainda assim, o aumento da exposição à internet, juntamente com a falta de controle pessoal sobre seu uso sugerem impactos consideráveis no que abarca a qualidade de vida de seus utilizadores. Fato é que não há caminho de volta e é imprescindível que se reconheça a importância de uma pausa em meio a uma cultura sem intervalo.

Como diria Bauman (2001), experienciamos um cotidiano líquido, no qual não se suporta mais os intervalos, os espaços vazios. Com tanta tecnologia impregnada em nosso dia a dia, passa-se a vivenciar uma continuidade temporal trazida pelo acúmulo de informações e pela permanente ligação com o outro.

Nosso atual cenário é permeado por uma modificação radical na civilização: a de uma cultura da transitoriedade para uma cultura do imediatismo. O advento frenético da tecnologia direciona o indivíduo a um intervalo cada vez mais reduzido, que pode ser experimentado em situações mais corriqueiras, como usufruir de refeições assistindo a alguma série e a checagem insistente do indicador de leitura de mensagem dos aplicativos. Tudo isso se volta especialmente aos jovens, que têm bebido na fonte dessa mudança desde o nascimento e ao chegar à idade adulta encontram dificuldades específicas. Uma contemporaneidade em que a hiperconexão não permite quietude (FLANZER, 2020).

Além do nítido imediatismo, a internet também favorece a inclusão, porém pode acentuar ainda mais a exclusão. A acessibilidade ao alcance de todos facilitou o início de relacionamentos e expansão de grupos de amizade. Por outro lado, a segregação fica em evidência com os crescentes casos de *cyberbullying*⁴. O que

⁴ Cyberbullying é uma prática de intimidação, humilhação, perseguição, calúnia e difamação por meio de ambientes virtuais. A incidência maior de casos de cyberbullying ocorre entre os adolescentes, no entanto, há um número considerável de jovens adultos que fazem uso dessa prática criminosa, já que hoje é passível de punição (PORFÍRIO, 2021).

poderia servir para integrar as desigualdades termina por promover enlaçamentos que se dão muito mais pelas identificações que expõem as diferenças (FLANZER, 2020).

Nas redes sociais fomenta-se uma superexposição, uma obrigação de um semblante permanente, que irradia beleza e felicidade a todo instante, algo humanamente impossível. O jovem é convocado a sempre mostrar o seu melhor nas redes, aclamando a dimensão ideal de felicidade, o que configura pouco lugar para curiosidade, princípio do interesse na aprendizagem, essa que está intrinsecamente ligada à juventude, é uma ação que demanda espaço e tempo, a demasiada conexão e a superexposição acabam impondo barreiras a esse processo. Há de se pensar que tamanha superexposição causaria uma aceitação mais elástica às diferenças de cada indivíduo, já que de fato a internet pode ser considerada um grande motor social de atividade e criatividade, porém, o que se observa é uma denúncia de qualquer assimetria (FLANZER, 2020), como é perceptível através do culto à perfeição corporal que hoje é seguido, defendido e perpetuado por tantos.

3 OS IMPACTOS DO NEOLIBERALISMO NO CONSUMO DA INTERNET

Para o melhor entendimento sobre o tema em destaque, faz-se importante abordar algumas considerações sobre o capitalismo, que consiste em um sistema socioeconômico cujo objetivo central é garantir a acumulação de riquezas através da exploração da força de trabalho da classe trabalhadora e garantir a propriedade privada. No capitalismo, ocorre um processo de coisificação da produção da vida, ou seja, tudo é transformado em mercadoria e principalmente o trabalho se torna mercadoria quando o trabalhador, que não tem acesso aos meios de produção da vida, precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. Desse modo, o sistema capitalista passa por sucessivas crises ao longo do seu desenvolvimento, que são necessárias para que ele continue avançando sobre a coisificação da vida e aumente a exploração da classe trabalhadora e os lucros dos capitalistas. Nessa perspectiva, surge o neoliberalismo, que consiste em uma forma de gestão do capitalismo que gerencia formas sociais de ser e de se conceber perante a lógica capitalista surgida na década de 70 para retomar taxas de lucratividade dos capitalistas (ANDRADE, 2019).

De acordo com Laval (A RACIONALIDADE, 2018), estamos vivenciando um momento neoliberal clássico, em que todas as lógicas normativas se desenvolvem manifestadamente sem disfarce, sem nenhuma hipocrisia. Uma lógica política, mas também cultural, que tira do capitalismo seu modo de funcionamento para aplicá-lo a outras esferas, uma racionalidade capitalista que considera que todas as relações sociais e humanas devem ser regidas pelo princípio da concorrência, assim, a competitividade se tornou um princípio normativo generalizado na sociedade. Diante da lógica de subjetividades neoliberais, os sujeitos se relacionam consigo mesmos como capital, essa ideia é introduzida desde a mais tenra idade por escolas e demais instituições, fazendo assim com que os jovens sejam cada vez mais o foco dessa lógica cultural da competitividade e do consumismo.

Podemos então destacar a forma com que as representações corporais têm se modificado a partir da disseminação de uma ideia responsável por relacionar o status do corpo a qualidades como beleza, saúde e vitalidade. Segundo Santaella (2008), as formas de idealização que os dispositivos midiáticos sugerem têm o efeito mais expressivo sobre as experiências do corpo, pois são responsáveis por levar o público a fantasiar determinadas existências corporais que propõe. Isso ocorre, sobretudo, porque vivenciamos o que Debord (1998) conceitua como sociedade do espetáculo, guiada pela manipulação ideológica proveniente dos veículos de comunicação, a sociedade espetacular incentiva uma cultura de lazer e entretenimento em prol da alienação do público. De acordo com o autor, o espetáculo é responsável por inserir a mercadoria na vida social do indivíduo, influenciando-o a se subjetivar em sincronia com o discurso neoliberal. Sob essas circunstâncias, a mídia, em conjunto a agilidade da internet, torna-se uma ferramenta bastante conveniente, criando desejos, reforçando estereótipos e mantendo uma comunicação embasada em princípios predominantemente mercadológicos.

Diante do exposto, Lira et al. (2017) constaram evidências sobre a influência das mídias sociais sobre a insatisfação corporal de adolescentes brasileiros, público mais vulnerável e que consome vigorosamente conteúdo dessa mídia. Os dados demonstram que adolescentes que acessavam frequentemente às redes sociais, manifestaram maior insatisfação com o próprio corpo, principalmente com a frequência de acesso ao Facebook e Instagram. A maior parte dos adolescentes do

estudo concordou ser necessário ter: força, foco e fé, a expressão é usada nas redes sociais com o objetivo de motivar as pessoas a praticarem exercícios e a obterem disciplina alimentar. Tal expressão pode levar o público à culpa e frustração quando não conseguem, com o entendimento de que só é preciso desejar e se esforçar.

Em meio ao discurso midiático, o jovem, em especial a mulher jovem, adquire evidente centralidade (FISCHER, 2001). Na cultura de consumo, as mulheres são instruídas a adequar-se a padrões de beleza estipulados pelos regimes de visibilidade. Logo, muitas das práticas de embelezamento e hipervalorização corporal que são difundidas pelas mídias, como dietas, práticas de atividades físicas, cirurgias plásticas e uso de cosméticos, têm seu foco justamente em mulheres jovens. Dessa forma, a experiência corporal passa a ser atrelada à de consumo e para a manutenção da autoestima torna-se fundamental seguir as representações sociais, de beleza e boa forma (MOREIRA, 2020).

Em poucas décadas, a ascensão do consumismo e do progresso tecnológico caminharam paralelamente e avante. Cresceram lado a lado, somaram suas forças e o resultado desse grande encontro de gigantes são os jovens de hoje. Os jovens têm seus ideais extraídos das telas, através de digital influencers e suas identificações são determinadas pelos melhores produtos, hábitos e desejos manipulados pelas leis de mercado, ou seja, um modo de funcionamento que incentiva os jovens a estarem menos voltados para seu papel enquanto produtores e mais voltados para seu papel enquanto consumidores. Dessa forma, Flanzer (2020) indaga sobre o que se pode esperar de uma civilização em que se prioriza menos o que se tem a criar e mais o que se tem a receber.

Dardot e Laval (2016) salientam em seu livro *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal a respeito da governamentalidade empresarial*, que permite descrever novos interesses e condutas dos sujeitos, modos de controle e influências que devem ser exercidos sobre eles em seus comportamentos e novas formas de ações públicas que visam a ampliação da empresa para além da vida profissional. A implementação de técnicas como as exercidas pela internet e redes sociais são algumas das maiores e mais eficazes formas de subjetivação concebidas pelo neoliberalismo. Essas, por mais novas que sejam, têm a marca da mais severa e mais clássica das violências sociais típicas do capitalismo: a

tendência a transformar o indivíduo em uma simples mercadoria. Desse modo, pretende tornar os indivíduos aptos a suportarem as novas condições que são impostas pelo mercado, enquanto por consequência de seu próprio comportamento contribuem para tornar essas condições cada vez mais duras e mais resistentes.

Dessa forma, a racionalidade empresarial permite articular os objetivos da política adotada a todos os componentes da vida social e individual. Logo, a empresa torna-se não apenas um modelo geral que deve ser imitado, como também uma atitude que deve ser valorizada desde infância até a vida adulta, como uma energia potencial que deve ser solicitada no assalariado, bem como uma maneira de ser que é produzida pelas mudanças institucionais e ao mesmo tempo produz mudanças em todas as esferas da vida. Nota-se como um exemplo claro a naturalização da ideia de que estar bem-sucedido na carreira profissional significa estar bem-sucedido em sua vida como um todo (DARDOT; LAVAL, 2016).

Mediante a tantos mecanismos, percebe-se uma sociedade extremamente individualista, na qual os desinteresses das mais variadas formas fundam o ser humano da modernidade líquida, em especial, as ações coletivas de causas políticas e comunitárias que são arruinadas perante o indivíduo consumista. A internet, em específico as redes sociais, contribuem para esse novo espetáculo de consumo, com sua forma interativa, ágil e útil, o indivíduo, em especial os jovens, adentram cada vez mais em uma ideologia consumista, inerente às formas de acumulação de capital. Com isso, é revelada a violência com a qual a liquidez se manifesta a partir da banalidade das relações, fundidas a essa individualização e precarização das relações humanas e do próprio sujeito (GERBASI, 2014). Ou seja, “a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar a não satisfação de seus membros e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles” (BAUMAN, 2008, p. 64).

Um fator a ser relacionado com os aspectos de subjetivação neoliberais são as formas de monitoramento de dados por redes sociais, esses que possuem relevância para a vigilância política e não apenas do consumidor, uma vez que pode haver manipulação do eleitor em períodos eleitorais. Efeitos diversos são constatados na seara política diante do fenômeno das fake news⁵, que podem

⁵ Fake news são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas) (CAMPOS, 2021).

prejudicar as eleições, uma vez que geram informações falsas ou distorcidas sobre os protagonistas implicados no processo eleitoral. Segundo um estudo produzido pela Universidade de Oxford (2019), notícias falsas possuem um maior engajamento nas mídias sociais. No Facebook, as fake news podem superar em até quatro vezes o volume de comentários, curtidas e compartilhamentos, comparada a notícias reais.

Em contextos eleitorais, as fake news podem ser compreendidas como influenciadores de votos. As informações transmitidas podem persuadir os leitores a compactuarem com os ideais distorcidos da realidade, tendo em vista que, atualmente, a grande parte do público juvenil se informa pelas mídias sociais, tornando os jovens indecisos como foco desse dispositivo de persuasão, pela eventual facilidade de serem trazidos para o movimento político em questão. Para Pedrosa e Baracho Júnior (2021), as fake news geram informações falsas e/ou fragmentadas, o que pode ser considerado prejudicial à democracia, uma vez que os indivíduos não têm acesso às informações completas e/ou verdadeiras, empobrecendo o debate democrático, resultando assim em impactos no voto das eleições.

Dessa forma, o neoliberalismo vem ganhando uma forma cada vez mais hiperautoritária, com aspectos fascistas em muitos países, rompendo os marcos tradicionais da democracia. Nesse momento, presenciamos uma ação profunda exercida sobre a sociedade pelo neoliberalismo, que acelera e intensifica uma mutação de longa data, mas que encontrou até então resistências contra a lógica normativa neoliberal. Atualmente, todas as políticas neoliberais parecem romper, no plano institucional, intelectual e cultural, com todas as defesas que as sociedades vinham desenvolvendo até então contra essa força propulsora e subversiva. Desse modo, estamos vivenciando uma mutação do neoliberalismo, que se expressa numa crise fundamental da democracia liberal e que se relaciona com a forma com que os jovens vêm lidando com assuntos de cunho político (A RACIONALIDADE, 2018).

4 A IMPORTÂNCIA DAS RESISTÊNCIAS JUVENIS EM MEIO AO DESFALQUE INDIVIDUALISTA

O individualismo trazido pela lei da concorrência e do consumo globalizado, enfatizados ainda mais pelo uso da internet, faz com que os jovens contemporâneos

[CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 338-359, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483](#)

priorizem cada vez mais valores como bem-estar, segurança e conforto individuais, o que está em contrapartida ao processo de subjetificação política, que é constituído por experiências que guiam os jovens a se interrogarem sobre inadequações e dificuldades diante da convivência coletiva humana ao seu redor (CASTRO, 2008). Em vista disso, ditam-se intensas contradições para o jovem contemporâneo. Segundo Welti (2002), pesquisas científicas indicam que os jovens não se interessam mais pela política, corroborando com a não participação política e social deles, o que constitui uma preocupação sobre as repercussões desse desinteresse, que pode afetar a coesão social e o futuro da democracia.

Somos uma sociedade de solidões, que se encontram e desencontram sem reconhecer-se. Eis nosso drama: um mundo organizado para o desvinculo, onde o outro é sempre uma ameaça e nunca uma promessa (GALEANO, apud ACOSTA, 2016, p. 236)

O jovem brasileiro atual parece esbarrar no que diz respeito ao pertencimento à coletividade. O Brasil não conseguiu implantar práticas sociais estabelecidas como direitos universais reais, a liberdade, igualdade e educação para todos. A situação atual parece trazer efeitos da subjetivação, que ameaça a naturalização diante das desigualdades e o mal-estar trazido por elas, acarretando assim inúmeras dificuldades presentes na construção da passagem dos jovens a uma sociedade mais ampla, como a responsabilidade pela coletividade (CASTRO, 2008).

Uma das contradições mais assustadoras de nossa época se dá em razão ao progresso da ciência. A internet, por exemplo, que aparentemente abriria um campo infinito de possibilidades, serve cada vez mais como ferramenta para o engessamento. Pontua-se aqui que não há a pretensão de negar a importância da internet como ferramenta comunicacional, de entretenimento, facilitadora educativa e profissional, mas faz se importante refletir sobre as possibilidades ofertadas e as alcançadas, pois o que parece é que a humanidade se torna a cada dia mais uma simples ferramenta para as máquinas, quando a relação deveria ser contrária. Ou seja, até quando vamos esperar que o progresso tecnológico resolva os problemas do cotidiano? Qual a forma social, implícita nos avanços tecnológicos, aparentemente democratizadores, que deveríamos aderir? (ACOSTA, 2016).

Laval (2018) alega que estamos vivenciamos um momento crítico, um ciclo autoritário, perigoso e ameaçador, uma mistura entre uma estratégia neoliberal

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 338-359, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

clássica de guerra econômica/concorrência de todos contra todos e o paradigma militar da guerra civil. Para o autor, é possível que dentro de algum tempo haja uma contestação do neoliberalismo do ponto de vista da democracia ou uma democratização da democracia. Diante disso, o autor ainda aponta a necessidade de criar resistências mais efetivas contra os movimentos neoliberais, considerando os jovens como uma engrenagem primordial a esse processo, que estão cada vez mais se subjetivando de acordo com o pensamento de coisificação da vida enfatizado pelos dispositivos midiáticos.

Dardot e Laval (2017) elencam o movimento do Comum, que surgiu da convergência de preocupações, aspirações e novas possibilidades de agir coletivamente contra tudo aquilo que viabiliza destruir as condições de existência humana hoje, desde preocupações de existência climática, destruição dos serviços públicos, até o empobrecimento de parte da população. Esse movimento dos comuns é amplamente determinado pela conscientização de que o modo de produção predominante hoje é em determinado prazo insustentável, servindo como inspiração à prática do comum com maior força. Sendo assim, o nome do movimento vem da ideia de fazer juntos, de decidir em comum, criar instituições conjuntamente com a finalidade de defender as condições de existência, exigindo uma verdadeira democracia que entende que aquilo que é produzido seja destinado a todos, tanto na escala societal, quanto mundial.

Portanto, como consequência das atuais formas de consumo abundantemente trazidas pela internet e da crescente e permanente produção de bens materiais, traz-se o risco eminente de destruição do equilíbrio ecológico global. Alberto Acosta (2016) aponta ser imprescindível a reorganização da produção, libertação das engrenagens dos mecanismos de mercado e uma racionalidade ambiental que seja capaz de desconstruir a racionalidade econômica, que disponha de processos de reapropriação da Natureza e reterritorialização das culturas. Nessa perspectiva, o desenvolvimento sustentável deve ser entendido como uma etapa transitória para um paradigma distinto do capitalista, em que seriam inerentes as dimensões de liberdade e igualdade. Para isso, as possibilidades não devem estar centradas em poucas mãos e as pessoas devem fortalecer suas capacidades para viverem em comunidade e em harmonia social, como parte da natureza.

Dessa forma, torna-se fundamental a busca por novas formas de vida que requerem a revitalização da discussão política, constantemente ofuscada pela concepção economicista. O foco exacerbado dentro da atividade econômica e, particularmente, do mercado, acaba por fazer com que os indivíduos abandonem diversos instrumentos não econômicos indispensáveis para a melhoria das condições de vida desses sujeitos. A resolução dos problemas exige uma aproximação multidisciplinar, a união de movimentos pautados nas melhorias de existência humana e a maior participação da população em geral, como também a dos jovens, tendo em vista o atual desfalque no engajamento coletivo. Presencia-se uma situação de complexidades múltiplas que não podem ser aperfeiçoadas com base em concepções monocausais (ACOSTA, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente estudo, foi possível identificar como a internet acarreta transformações e desafios para os jovens contemporâneos. Mudanças entre a relação espaço e tempo contribuem para a atuação dos jovens de diversas maneiras, entre países, regiões, espaços urbanos e rurais, classes sociais, gênero e etnia, enfatizando as possibilidades de ações e práticas como os novos desafios dessa geração, que diante dessas circunstâncias não devem ser entendidos como uma mera faixa etária, mas como sujeitos que criam e ressignificam sua condição de acordo com as possibilidades sociais, culturais, geracionais e de gênero que vivenciam. No entanto, percebe-se que a alta participação das redes sociais e outros mecanismos online pode acabar contribuindo com o desvinculo social e a perda de ferramentas do convívio social resulta em uma redução de resiliência, essa imprescindível para relação com o outro.

Entretanto, as formas de utilização da internet variam muito e diversos pesquisadores, com a intenção de compreensão dessas transformações oriundas do uso descontrolado da internet, constaram impactos negativos para a qualidade de vida dos jovens. Numerosos estudos trazem o termo adicção à internet, que configura o uso intensivo da internet puramente como uma adicção psicológica. Porém, há uma enorme discussão a respeito da descrição e terminologia do mesmo, pois a internet contribui positivamente para a vida humana, não devendo ser

criticada como viciante. Diante dos benefícios da internet, torna-se importante a reflexão da inclusão digital como forma de minimizar as mazelas sociais vivenciadas pela exclusão social. Portanto, considera-se o termo *adição à internet* inapropriado e constata-se a importância de a expressão ser abandonada diante da tendência sobre patologizar comportamentos aditivos. Outro termo em destaque é o *Uso Problemático da Internet*. De acordo com a pesquisa o termo soa mais adequado até o momento por apresentar menos discordâncias teóricas do que terminológicas.

Não devemos desaprovar os avanços tecnológicos que obtivemos ao longo dos últimos anos, mas temos que refletir criticamente sobre os impactos na qualidade de vida experienciados em decorrência de um uso sem orientação a esses jovens. A relação sobre a importância dos intervalos em uma cultura imediatista se configura como um fator crucial de discussão, tendo em vista o cotidiano líquido que Bauman elucida ao analisar as transformações trazidas pela continuidade temporal influenciada pelo acúmulo de informações e a permanente ligação com o outro. A superexposição motivada por essa permanente ligação pode gerar ainda a segregação expressa a partir do *cyberbullying* numeroso atualmente.

Notoriamente, faz-se possível observar mecanismos de subjetivação neoliberais em todos os pontos destacados anteriormente, mas fica ainda mais claro sobre as questões de imagem corporal disseminada nas redes sociais, já que a competitividade trazida pelos ideais neoliberais da governamentalidade empresarial atrelada ao consumismo exacerbado difundido nas redes sociais traz grandes impactos considerando o status do corpo, como qualidades de beleza, saúde e vitalidade de acordo com princípios mercadológicos. Mediante ainda a esses mecanismos neoliberais, percebe-se a maior disseminação do individualismo, resultando em um desinteresse pelo coletivo. As causas políticas e comunitárias empobrecem-se diante do indivíduo consumista e os jovens em meio a tantos dispositivos de subjetivação acabam por perder seus vínculos pela responsabilidade coletiva da nação, intensificada ainda pela disseminação das *fake News*, sendo os jovens alvos das artimanhas desses instrumentos.

Dessa forma, torna-se importante uma maior articulação desses jovens em meio às causas coletivas que fundam uma nação democrática e coesa, a fim de ingressarem em resistências a essa racionalidade neoliberal que acaba por limitar as formas de existência humana. São necessários mais esforços para conscientização

dos jovens sobre as ferramentas disponíveis na internet, por parte da sociedade e do governo, porém, no contexto brasileiro, isso se configura em mais um desafio em meio ao governo atual, que se beneficia dessa racionalidade neoliberal em sua conjuntura autoritária.

REFERÊNCIAS

A RACIONALIDADE neoliberal. Realização de Christian Laval. [S.L.]: Instituto Humanitas Unisinos e Jesuítas Brasil., 2018. (96 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://youtu.be/bumpBiaXw84>. Acesso em: 12 set. 2021.

ALMEIDA, Lília Bilati de; PAULA, Luiza Gonçalves de. O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, [S. L.], v. 2, n. 1, p. 55-67, mar. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jistm/a/7BZxyCX73JT9tJbBmsbfZ8w/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

AMARO, Rogério Roque. A exclusão social hoje. **Cadernos Instituto São Tomás de Aquino**, Lisboa, v. 5, n. 9, p. 13-20, jan. 2000. Disponível em: http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html. Acesso em: 04 out. 2021.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 211-239, jan. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/RyfDLystcfKXNSPTLpsCnZp/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2021.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1978.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENSON, Peter L.. Developmental assets and asset building communities: Conceptual and empirical foundations. In: LERNER, Richard M.. **Developmental Assets and Asset-Building Communities**: implications for research, policy, and practice. [S.L.]: Springer, 2003. p. 19-43.

BILLIEUX, Joël et al. Are we overpathologizing everyday life? A tenable blueprint for behavioral addiction research. **Journal Of Behavioral Addictions**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 119-123, set. 2015. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2015-45522-001>. Acesso em: 23 set. 2021.

BROWN, B. Bradford. Moving Forward with Research on Adolescence: some reflections on the state of jra and the state of the field. **Journal Of Research On Adolescence**, [S.L.], v. 15, n. 4, p. 657-673, nov. 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1532-7795.2005.00115.x>. Acesso em: 01 out. 2021.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **O que são Fake News?** 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em: 20 set. 2021.

CASTAÑO-MUÑOZ, Jonatan; SENGES, Max. Youth-culture or student-culture? The internet use intensity divide among university students and the consequences for academic performance. **REV - Estudios Sobre Educación**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 203-231, jan. 2011. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/handle/10171/18418>. Acesso em: 20 set. 2021.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/BV6fYy8ghNMjyyMh7Q9VSwN/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no Século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 1, n. 114, p. 197-223, jan. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2021.

FLANZER, Sandra Niskier. **Jovens em tempos digitais**. Rio de Janeiro: Consultor, 2020.

FORTSON, Beverly L. et al. Internet Use, Abuse, and Dependence Among Students at a Southeastern Regional University. **Journal Of American College Health**, [S.L.], v. 56, n. 2, p. 137-144, jan. 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17967759/>. Acesso em: 23 set. 2021.

GERBASI, Vinícius Aleixo. O Consumo no Capitalismo: notas para pensar o mercado, a internet e o individualismo. **Revista Habitus**: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 62-69, dez. 2014.

Semestral. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11437>. Acesso em: 30 set. 2021.

KUSS, Daria; GRIFFITHS, Mark. Social Networking Sites and Addiction: ten lessons learned. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 311, 17 mar. 2017. MDPI AG.

<http://dx.doi.org/10.3390/ijerph14030311>. Disponível em:

<https://www.mdpi.com/1660-4601/14/3/311#cite>. Acesso em: 23 set. 2021.

LERNER, Richard M. et al. Positive youth development. In: LERNER, Richard M.; STEINBERG, Laurence. **Handbook of Adolescent Psychology**. 3. ed. [S.L.]: John Wiley & Sons, 2009. p. 524-558.

LERNER, Richard M.; STEINBERG, Laurence. The scientific study of adolescent development: Past, present, and future. In: LERNER, Richard M.; STEINBERG, Laurence. **Handbook of Adolescent Psychology**. Nova York: Wiley, 2004. p. 1-12.

LERNER, Richard M.; WERTLIEB, Donald; JACOBS, Francine. Historical and theoretical bases of applied developmental science. In: LERNER, Richard M.; JACOBS, Francine; WERTLIEB, Donald. **Applied developmental science: an advanced textbook**. [S.L.]: Sage Publication, 2005. p. 3-29.

LIRA, Ariana Galhardi et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [S.L.], v. 66, n. 3, p. 164-171, set. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/abstract/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 29 ago. 2021.

LISSITSA, Sabina; CHACHASHVILI-BOLOTIN, Svetlana. Life satisfaction in the internet age – Changes in the past decade. **Computers In Human Behavior**, [S.L.], v. 54, p. 197-206, jan. 2016. Disponível em:

<https://dl.acm.org/doi/abs/10.1016/j.chb.2015.08.001>. Acesso em: 23 set. 2021.

MOREIRA, Marília Diógenes. Construção da imagem corporal nas redes sociais. **Percursos Linguísticos**, [S.L.], v. 10, n. 25, p. 144-162, 31 out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/30680>. Acesso em: 30 set. 2021.

ODACI, Hatice; KALKAN, Melek. Problematic Internet use: loneliness and dating anxiety among young adult university students. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE COMPUTAÇÃO E INSTRUÇÃO, 03., 2010, Trabzon. **Computers & Education**. [S.L.]: Elsevier, 2010. p. 1091-1097. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0360131510001387#!>. Acesso em: 26 ago. 2021.

OLIVEIRA, Jaiane Araujo; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. **NUFEN**, Belém, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 set. 2021.

OXFORD INTERNET INSTITUTE. **Junk News During the EU Parliamentary Elections**. 2019. Disponível em: <https://demtech.oii.ox.ac.uk/research/posts/junk-news-during-the-eu-parliamentary-elections/#continue>. Acesso em: 10 set. 2021.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PASSARELLI, Brasilina *et al.* Atores em Rede: Subjetividades e Desejos em Expansão. **Logos: Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 60-71, jan. 2006. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/30/05_logos30_BrasilinaDricaHernaniJuliana.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

PATRÃO, Ivone *et al.* Avaliação e intervenção terapêutica na utilização problemática da internet (UPI) em jovens: revisão da literatura. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, [S.L.], v. 7, n. 1-2, p. 221-243, 2017. Disponível em: <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/2411>. Acesso em: 23 set. 2021.

PEDROSA, Clara Bonaparte; BARACHO JÚNIOR, José Alfredo de Oliveira. Algoritmos, bolha informacional e mídias sociais: desafios para as eleições na era da sociedade da informação. **Revista Thesis Juris**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 148-164, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/thesisjuris/article/view/18159>. Acesso em: 30 set. 2021.

PONTES, Halley M.; CAPLAN, Scott E.; GRIFFITHS, Mark D.. Psychometric validation of the Generalized Problematic Internet Use Scale 2 in a Portuguese sample. **Computers In Human Behavior**, [S.L.], v. 63, p. 823-833, out. 2016. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1016/j.chb.2016.06.015>. Acesso em: 13 set. 2021.

PORFÍRIO, Francisco. **Cyberbullying**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em: 07 de set. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: Sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2008.

SHAPIRA, Nathan A. *et al.* Problematic internet use: proposed classification and diagnostic criteria. **Depression And Anxiety**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 207-216, 2003. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2003-06603-005>. Acesso em: 13 set. 2021.

SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira *et al.* Adolescência conectada: mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 327-335, jun. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288/22361>. Acesso em: 06 set. 2021.

TAPSCOTT, Don. **Growing up digital**: The rise of the net generation. New York: McGraw-Hill, 1998.

TWENGE, Jean M.; MARTIN, Gabrielle N.; CAMPBELL, W. Keith. Decreases in psychological well-being among American adolescents after 2012 and links to screen time during the rise of smartphone technology. **Emotion**, [S.L.], v. 18, n. 6, p. 765-780, set. 2018. Disponível em: <https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Femo0000403>. Acesso em: 23 set. 2021.

VALENTE, Jonas. **Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 20 set. 2021.

WAN, Chin-Sheng; CHIOU, Wen-Bin. Psychological Motives and Online Games Addiction: a test of flow theory and humanistic needs theory for taiwanese adolescents. **Cyberpsychology & Behavior**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 317-324, jun. 2006. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2006-08468-006>. Acesso em: 23 set. 2021.

WELTI, Carlos. Adolescents in Latin America: Facing the future with skepticism. In: BROWN, B. Bradford; LARSON, Reed W.; SARASWATHI, T. S.. **The World's Youth**: adolescence in eight regions of the globe. [S.L.]: Cambridge University Press, 2002. p. 276-306.